

UMA REFLEXÃO ENUNCIATIVA PARA O TRABALHO COM O TEXTO NA ESCOLA

Claudia TOLDO

Professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul. Atua no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras da UPF.

Resumo: Este texto apresenta um estudo preliminar conceitual da teoria enunciativa de Émile Benveniste, que é bastante circunscrito ao texto de 1970, *O aparelho formal da enunciação*, uma espécie de síntese da teoria linguística enunciativa de Benveniste. Além disso, refletimos sobre o ensino de língua Portuguesa em uma escola de educação básica, a fim de provocar uma reflexão e em seguida uma discussão sobre a colaboração que os estudos enunciativos, principalmente os que aqui destacamos, podem trazer às reflexões sobre o ensino de língua, enquanto condição, como diz Benveniste, de um homem tornar-se sujeito pelo seu dizer. Estas considerações têm, como pano de fundo, a necessidade de entender melhor como explicar e ainda descrever o uso e a organização da língua em uma dada situação discursiva específica e como fazê-lo em circunstâncias de ensino de língua Portuguesa.

Palavras-chave: Enunciação; Texto; Ensino.

Primeiras palavras

Estas reflexões que trazemos têm nos ocupado e nos provocado. Pensar o estudo do texto na escola é no mínimo desafiador e instigante, na medida em que, hoje, praticamente todo professor de português fala em texto e usa textos, de diferentes gêneros, em suas aulas. Mas o que temos observado é que isso não tem trazido uma melhora significativa nem na leitura, nem na escrita dos estudantes que estão nas nossas salas de aula da educação básica. Isso se comprova de diversas maneiras: Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), resultados de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e notas de redações dos vestibulares que ainda ocorrem no país.

Considerado esse contexto, neste trabalho trazemos considerações que se inserem na linha teórica relativa aos estudos da linguagem, especialmente a teoria enunciativa de Émile Benveniste. Nosso pano de fundo é a significativa necessidade de entender melhor como explicar e descrever o uso, o funcionamento e a organização da língua em dada situação discursiva e como fazê-lo em circunstâncias de ensino de língua portuguesa. Cabe adiantar que entendemos “uso, funcionamento e organização da língua em dada situação discursiva” com sentido específico, que poderia ser adequadamente parafraseada pela palavra “texto”, uma vez que nossa compreensão de texto se coaduna com a ideia do uso linguístico em uma dada instância de discurso o que, segundo entendemos, está de acordo com a teoria enunciativa de Benveniste.

Sabemos que não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar o funcionamento do texto/discurso, até porque as pessoas usam a língua para produzir sentido. Assim, podemos pensar que nem a língua em si mesma nem a palavra isolada nos dão sua dimensão semântica. Isso só é possível no texto/discurso. Sendo assim, a construção do sentido das palavras dá-se a partir da organização (textual) das unidades linguísticas – disponíveis na língua – colocadas em relação e em funcionamento no texto/discurso, ou seja, é o próprio sistema de regras da língua posto em funcionamento.

Ora, mesmo que Benveniste não reflita diretamente a respeito da noção de texto ao longo de seus *Problemas de lingüística geral* – ao menos não como isso é feito nos parâmetros atuais da linguística – acreditamos que é possível inferir de seus trabalhos uma noção sintonizada com essa idéia de *uso e organização em dada situação*. E é em Benveniste que nos inspiramos para propor o percurso adiante.

Primeiramente, trazemos à tona, como forma de justificar a pertinência do que adiante será proposto, algumas constatações do que se tem visto (pela nossa prática docente na educação básica e superior) nas escolas no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa. Em seguida, pontuamos alguns elementos de abordagem enunciativa: a linguística da enunciação, segundo Émile Benveniste. Nossa reflexão, nesse ponto, estará bastante circunscrita ao texto de 1970, *O aparelho formal da enunciação*, espécie de síntese da teoria linguística da enunciação de Benveniste.

Nosso intuito, enfim, é provocar uma reflexão e daí uma discussão sobre a colaboração que os estudos enunciativos, principalmente os aqui destacados, podem trazer às reflexões sobre ensino de língua, enquanto condição, como diz Benveniste, de um homem tornar-se sujeito pelo seu dizer.

1 A disciplina Língua Portuguesa na escola

Salientamos, inicialmente, que as práticas que vêm sendo desenvolvidas, na maioria das aulas de português das escolas de educação básica, ainda não demonstram o devido cuidado com o trabalho de análise do texto que considera o ensino de ler e de escrever como pontos de partida e de chegada para o ensino de língua portuguesa na escola. Observamos que o estudo da língua continua desvinculado da vida do homem e da vida em sociedade. Como dizem os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa – PCN, (1997, p. 29) “as pessoas aprendem a [...] ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. Percebemos que o trabalho com texto que tem sido feito em muitas salas de aula, muitas vezes, nem ensina português, nem melhora a vida daqueles estudantes. Dentre tantos aspectos que poderíamos destacar, recortamos, para este momento, o trabalho com o texto nas aulas de português – este que deve(ria) ser a unidade básica de ensino da língua, conforme dizem os PCN.

Sabemos que a atividade voltada para a descrição do funcionamento da língua, de forma isolada, não contribui para o desenvolvimento das habilidades de uso da língua. O exercício pelo exercício não leva a nada. Não é através de atividades de catalogação de entidades, de classificação de palavras e de reconhecimento de suas funções na frase que alguém será capaz de usar a língua de forma eficiente e crítica nas diversas situações discursivas.

Para nós, não há dúvida de que a ineficiência da escola e o mau desempenho dos estudantes da educação básica estão intimamente relacionados ao trabalho desenvolvido no interior da sala de aula. Os alunos, durante praticamente uma década, estudam definições, verbalizam regras, fazem classificações, fixam estruturas afastadas da língua em uso, ou seja, desenvolvem atividades *sobre* a língua. Priorizam o *código*, a forma, como se a língua fosse autônoma, imutável e exterior ao falante. Fundamentados nos padrões

rígidos da gramática tradicional, muitos professores se sustentam apenas nos paradigmas da modalidade escrita, defendendo que a aprendizagem se dá por meio de exercícios – e o que é mais grave, exercícios artificiais e distantes de situações comunicativas. Não é através de atividades de catalogação de entidades, de classificação de palavras e de reconhecimento de suas funções na frase que o aluno será capaz de usar a língua de forma eficiente e crítica nas diversas situações de uso – na escola e fora dela.

A função do professor de língua portuguesa vai muito além de um simples *dar conteúdos gramaticais*. Partimos do princípio de que nossos alunos, tendo como suporte as aulas de língua portuguesa, devem ser capazes de melhorar seu desempenho linguístico, ou seja, desenvolver sua competência comunicativa. Desse modo, não há como tratar do ensino de língua materna sem fazer menção à língua como processo de interação verbal. Para que esse processo se realize, concorrem vários fatores, tais como a situação comunicativa e a própria organização e estrutura do discurso. Isso significa que os aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos não podem ser analisados de forma autônoma. Em relação a esse aspecto, vale a pena ressaltar que não se justifica, por exemplo, o professor trabalhar a morfossintaxe em frases isoladas (frases *ideais*, distantes do uso e da realidade linguística). Não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar seu funcionamento.

Cabe lembrarmos que é através da língua que construímos a cultura, construímos mundos, criamos e (re)criamos realidades e tornamos nossas posições conhecidas. Assim, a língua tem de estar à disposição do homem, a serviço do homem. E é a linguagem em uso, ou seja, o discurso, que possibilita conhecermos o homem que vive e atua em sociedade. Benveniste ([1954]1995, p. 17) afirma: “... a linguagem é um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação”. Sendo assim, não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem um enunciado, mas é preciso perceber que relações essas unidades do sistema linguístico mantêm com outras unidades em dada situação de uso. Acreditamos que essas questões de olhar a língua em uso, ou seja, ver a língua numa perspectiva enunciativa, devem ser aprofundadas, a fim de que esses estudos possam auxiliar na compreensão do ensino da língua portuguesa.

Daí porque defendermos que o ensino de língua portuguesa deva ultrapassar o nível da palavra e da frase e ter no texto o eixo principal do trabalho escolar. Nesse sentido, as ações desenvolvidas na escola devem priorizar atividades de uso da língua: atividades de produção oral, de produção escrita, de leitura e compreensão oral e escrita. Afinal, a escola não pode estar afastada da vida. Na vida, usamos textos o tempo todo – para expressar o que queremos, o que sentimos. É através de textos que argumentamos, duvidamos, nos rebelamos, manifestamos nosso apreço, nosso desdém.

Embora saibamos que as concepções linguísticas atuais circulam entre os professores de língua portuguesa e embora reconheçamos que tem aumentado o número de professores desejosos de mudanças nesse ensino, ainda assim o trabalho com a gramática continua se dando da forma mais tradicional, com práticas que desestimulam as relações entre o falante e a língua. Permanece, ainda, arraigada a idéia de que o domínio de determinadas estruturas ditadas pela gramática garantirá o *uso correto* da língua. Por conta disso, os professores supõem que o aluno será capaz de transferir automaticamente os conhecimentos obtidos *sobre* a língua para o seu uso efetivo e esquecem (ou não sabem) que a melhoria da competência comunicativa só se dará ao contemplarmos a língua em uso.

Esse diagnóstico da realidade na escola aponta para a falta de uma outra concepção de língua/linguagem e a constatação de uma carência teórica dos educadores acerca dos estudos linguísticos. O trabalho realizado no ensino de língua portuguesa não

tem levado em conta que o uso da língua revela – no/pelo texto – aquele que a usa. Logo, estão implicados nesse processo conceitos como língua, sujeito e enunciação.

A seguir, apresentamos considerações que julgamos pertinentes para o trabalho com o texto numa aula de língua portuguesa, tomando por base o estudo de 1970 de Émile Benveniste.

2 Uma abordagem enunciativa

Benveniste, em *O aparelho formal da enunciação*, texto de 1970, considera que a enunciação é o ato de colocar a língua em uso, através de um ato individual de apropriação. O autor alerta para que tenhamos cuidado em não associar, de modo simplista, a enunciação à fala. A enunciação é o ato de produzir o enunciado e não simplesmente a fala. “Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” ([1970]1989, p. 82). A enunciação é um processo de apropriação: é o locutor quem se apropria do *aparelho formal da língua* e se enuncia. Quando o locutor, através de um ato individual de apropriação da língua, enuncia, ele *implanta o outro diante de si*, pois toda enunciação supõe alguém que fala para outro alguém. “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” ([1970]1989, p. 83).

O importante para esta reflexão é ressaltar que, nos estudos de Benveniste, a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, o que a torna única, isto é, não pode ser repetida. Benveniste alerta-nos de que a condição específica para a enunciação é o *ato* de produzir o enunciado e não o texto do enunciado. Este pode ser repetido, aquele não, por isso dizemos que *o enunciado é irrepitível*.

Conforme Benveniste, a enunciação é responsável por promover certos signos à existência. É a enunciação que se torna responsável por algumas classes de signos, é ela que dá existência a uma série de palavras que só fazem sentido no discurso.

Essas considerações que fazemos acerca da enunciação estão presentes, como dissemos acima, em *O aparelho formal de enunciação* ([1970]1989), último texto publicado pelo autor sobre o tema e visto por muitos (cf. Ono, 2007) como uma síntese do programa teórico de Benveniste. Porém, desde seus primeiros estudos, Benveniste destaca a importância do caráter social da língua. Em *Saussure após meio século* ([1963]1995), o autor já anuncia sua posição acerca da importância da língua na sociedade, afirmando que “Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”” ([1963]1995, p. 47, grifos do autor).

Benveniste lembra, em *O aparelho formal da enunciação* ([1970]1989), três aspectos da enunciação: a) a realização vocal da língua; b) os mecanismos desta produção, ou seja, a conversão da língua em discurso, observando como o sentido se traduz em palavras; e c) o quadro formal da realização da enunciação.

Para esta reflexão, o terceiro aspecto parece ter importância maior, não só por integrar os demais, mas, principalmente, porque pode nos ajudar a determinar critérios para descrever a língua em uso empregada em textos escritos. Para Benveniste, o quadro formal da enunciação evidencia três elementos: o *ato* de enunciação, a *situação* em que a enunciação se realiza e os *instrumentos* de sua realização.

Quanto ao *ato*, podemos dizer que é através dele que o locutor passa a ser elemento indispensável à enunciação, pois é ele [o locutor] quem realiza o ato individual de utilização da língua. Antes disso, “a língua não é senão possibilidade da língua” (Benveniste, [1970]1989, p. 83). Quando o locutor se apropria da língua e se enuncia, concretiza esse *ato* de enunciação e a língua é efetuada em uma instância de discurso, instaurando o locutor (que produz o ato da enunciação) e o alocutário (que produzirá outra enunciação). Essa apropriação da língua pelo locutor instaura o *tu*, refere pelo

discurso e faz do locutor um co-locutor. Isso traz um segundo elemento do quadro formal de enunciação: a *situação*. Benveniste ([1970]1989, p.84), quando fala de *situação*, traz presente o conceito de referência. Ele diz:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação.

Portanto, o conceito de referência deve ser examinado, uma vez que é através da referência que se pode perceber do que o texto trata e traz subsídios para que se observe a organização – pelos instrumentos – do texto.

A *situação* de enunciação vai se manifestar por um “jogo de formas específicas”. São elas: a) índices de pessoa (*eu/tu*); b) índices de ostensão (função dêitica da língua); e c) índices de tempo. A forma axial, ou seja, o eixo orientador da *situação* de enunciação, é o presente que coincide com o momento da enunciação. É dele que nasce a categoria de tempo. É na *situação* que temos o *eu* que se enuncia a um *tu*, num dado *tempo* e num dado *lugar*. Essas são as formas específicas da enunciação que, num jogo muito particular e singular, propiciam que a enunciação se renove a cada produção do discurso.

Sobre o terceiro elemento que compõe o quadro formal da enunciação, os *instrumentos*, Benveniste afirma que a enunciação – enquanto uma realização individual – é antes de tudo um processo de apropriação. Isso significa afirmar que “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” ([1970]1989, p. 84). Isso é o que julgamos pertinente e necessário de se ver: a apresentação dos índices específicos e dos procedimentos acessórios. Benveniste lista os específicos, os quais – como diz ([1970]1989, p.84) têm como função “colocar o locutor em relação constante e necessária como sua enunciação”. E os acessórios? Esses são construídos a cada enunciação e devem ser analisados a partir dessas situações específicas. Esses são um aparelho de funções, ou seja, são todos os elementos disponíveis na língua de que se serve o locutor para dizer algo a seu alocutário. Interrogações, ordens, apelos, chamamentos, asserções e negativas são alguns dos modos que o locutor usa para “intimar” seu alocutário, estabelecendo dessa maneira uma relação discursiva com seu parceiro. Podemos pensar os *instrumentos* como todos os recursos linguísticos, que estão à disposição na língua, para a relação interlocutiva entre um *eu* e um *tu* e para a realização de um *ato* de enunciação, numa dada *situação* de tempo e espaço. Esse movimento gerado por um *eu* (fonte do dizer) para um *tu* (fim do dizer) caracteriza o quadro figurativo da enunciação. Temos aqui a estrutura do *diálogo*¹ dado pela enunciação.

Considerações finais

Essas considerações nos parecem responder, muito sumariamente neste momento, mas possíveis de serem ampliadas, questões como: Se ao produzir um texto, o locutor realiza um ato, o que precisamos ver/ler no texto para construir e explicar o sentido deste texto em uma dada situação enunciativa? Ou então: Por que recorrer aos estudos

¹ Questões relativas aos limites do diálogo, pontuadas por Benveniste neste texto de 1970, não serão tratadas neste trabalho.

enunciativos, em especial aos de vertente benvenistiana, para a análise do texto? E ainda: Por que a teoria de Benveniste apresenta possibilidades que não são comuns às análises textuais que se vê por aí?

Acreditamos que essas questões trazem uma possível descrição do emprego da língua que, a serviço do homem, possibilita que ele se marque como sujeito em seus dizeres. Para nós, isso significa dizer que ensinar língua portuguesa na escola, em especial, trabalhar o texto, é mostrar aos alunos como o sentido se constrói em cada sintagma organizado, ou seja, é mostrar como o nível semiótico (formas da língua) possibilita a arquitetura do nível semântico de um texto. Assim, nesse quadro figurativo da enunciação, registramos alguns critérios que devem ser adotados para o estudo do texto, uma vez que o emprego das formas da língua aponta para uma construção de sentido possível de um texto.

Destacamos também que a língua que falamos possui usos variados. Nesses usos, há duas características comuns: a primeira é que a realidade do uso da língua permanece inconsciente, a menos que se faça um estudo puramente linguístico, e a segunda é que toda a operação de pensamento que realizamos recebe expressão na língua. Surge daí a crença de que pensar e falar são duas ações distintas que se associam pela necessidade prática da comunicação, mas que têm cada uma suas especificidades, sendo que a língua representa os recursos de que se subsidia o pensamento para expressar-se.

A língua, enquanto sistema, quando é falada, isto é, empregada para expressar o que queremos dizer, se transforma em linguagem. A língua caracteriza-se como *uma grande estrutura, portadora de estruturas menores e de muitos níveis, que dá sua forma ao conteúdo de pensamento* ([1958]1995, p. 69). O conteúdo recebe forma ao ser transformado de pensamento em linguagem, ou seja, ao ser enunciado. Assim, a forma linguística é não apenas a condição para a transformação do pensamento em conteúdo, mas, principalmente, a condição de realização do pensamento, já que é praticamente impossível, pelo menos até hoje, afirmar que o pensamento exista sem a língua. O pensamento se materializa na língua.

Assim, procuramos evidenciar que a língua é o “instrumento” de que se utiliza o locutor para se enunciar e produzir o discurso. Tal discurso, ou a enunciação, é caracterizado como um momento único, *sui-referencial*, do qual participam dois protagonistas (eu/tu) que se alternam durante a enunciação. Portanto, ensinar língua portuguesa na escola é possibilitar aos estudantes a possibilidade de aprender a usar a língua, conhecendo seu funcionamento, para que ele – o estudante e usuário da língua – se constitua como sujeito *na e pela* linguagem.

ENUNCIATIVE REFLECTION FOR WORKING WITH TEXTS IN SCHOOL

Abstract

This text presents a conceptual preliminary study of the enunciative theory of Émile Benveniste, which is quite circumscribed to the text of 1970, *O aparelho formal da enunciação*, a type of synthesis of the enunciative linguistic theory of Benveniste. In addition, we reflect on the Portuguese language teaching in a basic education school in order to encourage a reflection, and then a discussion on the collaboration that the enunciative studies, the ones herein emphasized mainly, can lead to reflections on language teaching, while a condition, as Benveniste says, of a man becoming the subject through his saying. These considerations have, as a background, a need for understanding how to explain better and yet to describe

the use and the organization of the language in a specific discursive situation and how to achieve it in Portuguese language teaching circumstances.

Key-words: Enunciation; Text; Teaching.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

BENVENISTE, E. Tendências recentes em lingüística geral. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, [1954]1995, p. 3-18.

_____. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, [1958]1995, p. 68-80.

_____. Saussure após meio século. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, [1963]1995, p. 34-49.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, [1963]1989, p. 81-90.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges, Lambert-Lucas, 2007.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

FLORES, V. (et ali). *Enunciação e gramática*. São Paulo, Contexto, 2008.

_____. TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

NORMAND, C.; ARRIVÉ, M. (dir.). Emile Benveniste vingt ans après. Paris, CRL-Université. *LINX*. Numéro spécial, pp. 195-209.